

Saberes Medicinais: Etnobotânica e Práticas Tradicionais em Unidades de Saúde da Família em Gurupi-TO

Medicinal Knowledge: Ethnobotany and Traditional Practices in Family Health Units in Gurupi-TO

Fernanda Martins Silva¹

João Pedro Pereira dos Santos²

Nicole Alves Domingues³

Elizângela Sofia Ribeiro Rodrigues⁴

Miréia Aparecida Bezerra Pereira⁵

RESUMO

A fitoterapia constitui prática amplamente difundida no Brasil, especialmente no âmbito da atenção primária à saúde. Diante disso, o objetivo da pesquisa foi documentar o uso de plantas medicinais por comunidades atendidas em Unidades de Saúde da Família (USF). Foi realizado um estudo descritivo, com aplicação de questionário aos participantes atendidos em Gurupi-TO. Foram analisadas variáveis socioeconômicas, espécies botânicas utilizadas, indicações terapêuticas, formas de preparo e fontes de conhecimento. Foram analisadas variáveis socioeconômicas, espécies botânicas utilizadas, indicações terapêuticas, formas de preparo e fontes de conhecimento. Observou-se alta frequência de uso de plantas medicinais como prática complementar de cuidado à saúde. Ao todo, foram citadas 37 espécies, com conhecimento predominantemente de origem tradicional e transmissão geracional, sendo identificadas algumas inadequações no preparo e nas indicações terapêuticas. Esses resultados destacam a importância de ações educativas e da integração entre saberes populares e conhecimento científico.

Palavras-chave: Fitoterapia; Plantas medicinais; Etnobotânica; Atenção Primária à Saúde.

ABSTRACT

Phytotherapy is a widespread practice in Brazil, especially within the scope of primary health care. Given this, the objective of the research was to document the use of medicinal plants by communities served in Family Health Units (USF). A descriptive study was carried out, with the application of a questionnaire to participants served in Gurupi-TO. Socioeconomic variables, botanical species used, therapeutic indications, preparation methods, and sources of knowledge were analyzed. A high frequency of use of medicinal plants as a complementary health care practice was observed. In total, 37 species were cited, with knowledge predominantly of traditional origin and generational transmission, and some inadequacies in preparation and therapeutic indications were identified. These results highlight the importance of educational actions and the integration between popular knowledge and scientific knowledge.

Keywords: Phytotherapy; Medicinal plants; Ethnobotany; Primary Health Care.

¹ Discente de Medicina na Universidade de Gurupi - UnirG - ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-7201-7497> - E-mail: fernanda.silva@unirg.edu.br

² Discente de Fisioterapia na Universidade de Gurupi - UnirG, Brasil - ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9373-8212> - E-mail: joaopedropereiradosantos66@gmail.com

³ Discente de Enfermagem na Universidade de Gurupi - UnirG, Brasil - ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-6712-2774> - E-mail: nicoledomingues@unirg.edu.br

⁴ Docente do curso de Fisioterapia na Universidade de Gurupi - UnirG, Brasil. Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Biodiversidade e Biotecnologia - Rede Bionorte. Universidade Federal do Tocantins - UFT, Brasil - ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4248-3085> - E-mail: elizangela@unirg.edu.br

⁵ Docente do Curso de Farmácia e Mestrado em Educação Social da Universidade de Gurupi - UnirG, Brasil. - ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3035-6249> - E-mail: mireia@unirg.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A utilização de plantas medicinais constitui uma prática tradicional transmitida ao longo de gerações e permanece amplamente presente nas comunidades brasileiras. Esse uso é favorecido pela expressiva biodiversidade do país, aliada à sua diversidade cultural e étnica. Nesse contexto, o Brasil destaca-se como um território estratégico para o desenvolvimento de pesquisas e políticas públicas voltadas à fitoterapia (CZERMAINSKI et al., 2021).

Reconhecendo essa realidade, o Sistema Único de Saúde (SUS) instituiu a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) e a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF), com o objetivo de integrar o uso de plantas medicinais e fitoterápicos às ações de saúde, garantindo acesso seguro, racional e de qualidade à população. Essas políticas priorizam a Atenção Básica, buscando promover o cuidado integral e humanizado, além de estimular o uso sustentável da biodiversidade e o fortalecimento da indústria nacional (BRASIL, 2025).

No âmbito das Unidades de Saúde da Família (USF), observa-se que grande parte da população atendida mantém vínculo estreito com práticas tradicionais, utilizando plantas medicinais para o tratamento de enfermidades e a promoção do bem-estar (CABOCLO et al, 2022). Apesar dos avanços da medicina moderna, o conhecimento popular sobre plantas medicinais continua a desempenhar papel relevante no cuidado em saúde, especialmente em comunidades onde esse saber é transmitido de forma empírica e intergeracional, assim como em regiões onde o acesso a medicamentos é limitado, seja por infraestrutura ou por fatores socioeconômicos (PATRÍCIO et al, 2022).

O estudo sistemático do uso comunitário de plantas medicinais pode fornecer subsídios importantes para o desenvolvimento de pesquisas farmacológicas, fitoquímicas e agrônomicas, representando economia de tempo e recursos ao orientar investigações a partir de conhecimentos já consolidados pelo uso tradicional. Dessa forma, o saber empírico pode servir como ponto de partida para validações científicas (SANTOS et al, 2022).

Entretanto, para que o conhecimento científico produzido seja efetivamente incorporado aos serviços de saúde, torna-se indispensável a ampla disseminação de informações baseadas em evidências sobre o uso racional das plantas medicinais, incluindo aquelas com potencial tóxico, as doses seguras e as formas adequadas de preparo e

utilização (DE ALMEIDA et al, 2022). Esse conhecimento deve ser sistematicamente incorporado à formação e à prática de todos os profissionais da Atenção Básica à Saúde, a fim de garantir segurança, eficácia terapêutica e cuidado integral à população. Nesse cenário, a etnobotânica, enquanto campo de estudo dedicado à compreensão das relações entre seres humanos e plantas, configura-se como instrumento fundamental para o registro, a valorização e a preservação dos saberes tradicionais (ROCHA et al, 2021).

Assim, o presente trabalho propôs documentar o uso de plantas medicinais por comunidades atendidas em algumas USFs do município de Gurupi-TO, e concomitante avaliar a relação entre o uso tradicional das plantas medicinais e a medicina moderna.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa de campo com abordagem quantitativa e qualitativa. A pesquisa foi realizada na terceira maior cidade do Tocantins, sendo pólo regional de toda região sul do Estado, Gurupi, no período de fevereiro de 2024 até dezembro de 2025. Inicialmente, foi realizada a territorialização com o objetivo de selecionar as Unidades de Saúde da Família (USF) nas quais o projeto seria desenvolvido, priorizando-se áreas urbanas e populações que mantêm práticas tradicionais relacionadas ao uso de plantas medicinais, o que resultou na escolha da USF Sol Nascente e Rosendo, estabelecendo assim polos opostos da cidade. Em seguida, procedeu-se à elaboração do questionário a ser aplicado aos participantes, bem como do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Ambos os instrumentos foram submetidos à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa. A coleta de dados ocorreu por meio da aplicação de questionário estruturado, elaborado pelos pesquisadores, contemplando informações socioeconômicas, de saúde e questões específicas sobre o uso de plantas medicinais. As entrevistas foram realizadas somente após a assinatura do TCLE pelos participantes. O estudo respeitou os preceitos éticos da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, tendo sido submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, com parecer favorável nº 7.095.273.

O roteiro do questionário foi estruturado a partir da coleta de informações socioeconômicas dos participantes, contemplando variáveis como nome, idade, sexo, nível de escolaridade, estado civil e número de moradores por domicílio. Posteriormente, foram incluídas questões específicas relacionadas ao uso de plantas medicinais.

O instrumento de pesquisa foi composto por perguntas abertas e fechadas, abrangendo aspectos da etnobotânica, tais como a origem do conhecimento tradicional, as espécies vegetais utilizadas, sua classificação em nativas ou exóticas, bem como seus usos e indicações populares, incluindo possíveis aplicações produtivas alternativas. Ademais, foram abordados aspectos etnofarmacológicos, considerando as enfermidades mais recorrentes na comunidade e as respectivas condutas terapêuticas adotadas. O contato com os participantes ocorreu por meio de visitas às Unidades de Saúde da Família (USFs), nas quais foram identificados pacientes usuários do Sistema Único de Saúde (SUS), atendidos nas Unidades Básicas de Saúde da Família localizadas no município de Gurupi.

A análise socioeconômica descreveu o perfil dos participantes, enquanto a análise fitoterápica concentrou-se nas espécies medicinais citadas. As plantas identificadas foram agrupadas de acordo com sua identificação botânica, a denominação popular utilizada pela comunidade e as substâncias bioativas descritas na literatura científica. Além disso, procedeu-se à comparação entre as indicações terapêuticas referidas pelos participantes, as atividades biológicas reconhecidas e as evidências de eficácia das espécies identificadas, conforme dados disponíveis na literatura especializada. Os dados quantitativos foram analisados por estatística descritiva, enquanto as respostas qualitativas foram categorizadas por análise temática.

Foi realizado o diagnóstico das espécies de plantas medicinais mencionadas pelas comunidades atendidas pelas Unidades de Saúde da Família (USF) Rosendo e Sol Nascente, no município de Gurupi-TO.

3. RESULTADOS

A amostra foi composta por 24 participantes, todas do sexo feminino, com faixa etária entre 50 e 80 anos, predominando o nível de escolaridade correspondente ao ensino fundamental completo. Os dados foram apresentados nas figuras 1, 2 e 3.

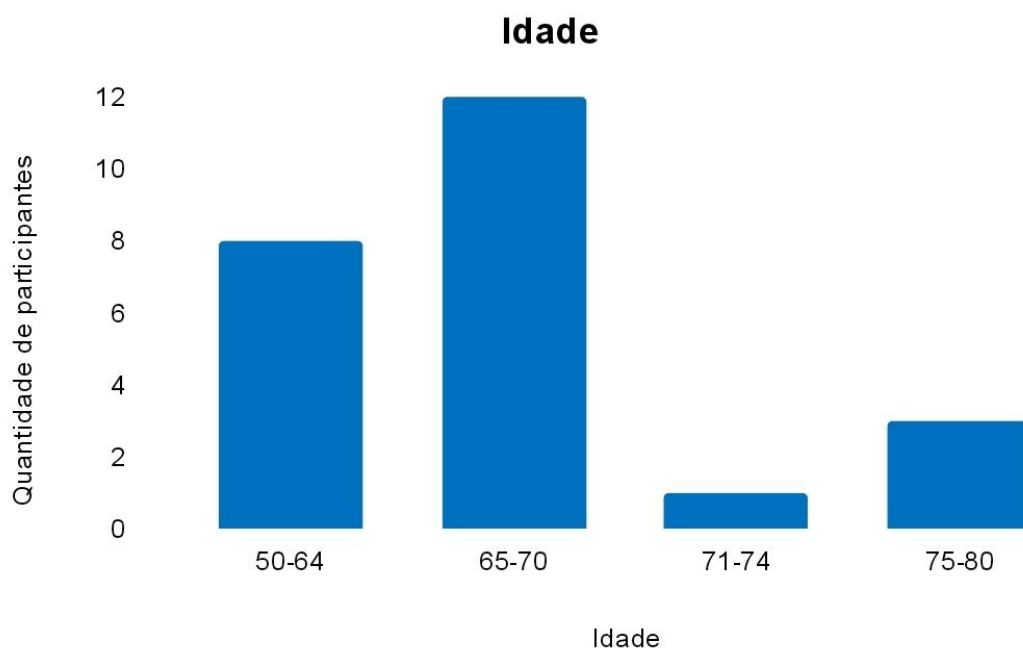


Figura 1. Idade dos participantes usuários da Unidades de Saúde da Família (USF).

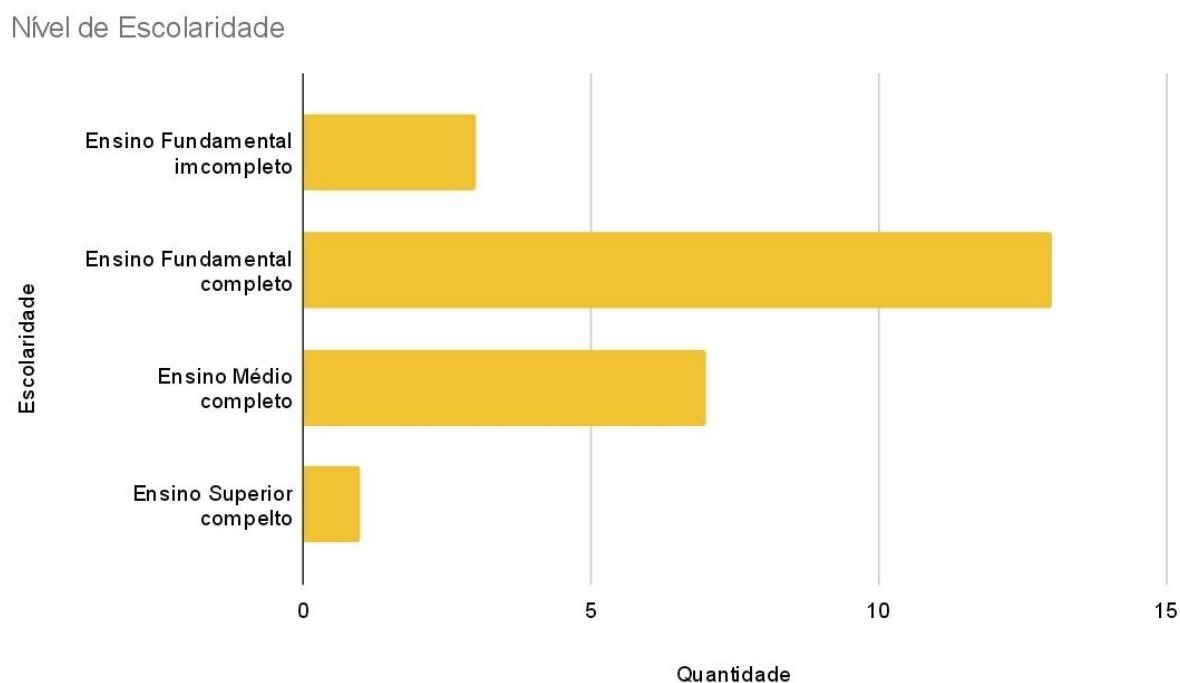


Figura 2. Nível de escolaridade dos participantes usuários da Unidades de Saúde da Família (USF).

Doenças diagnosticadas

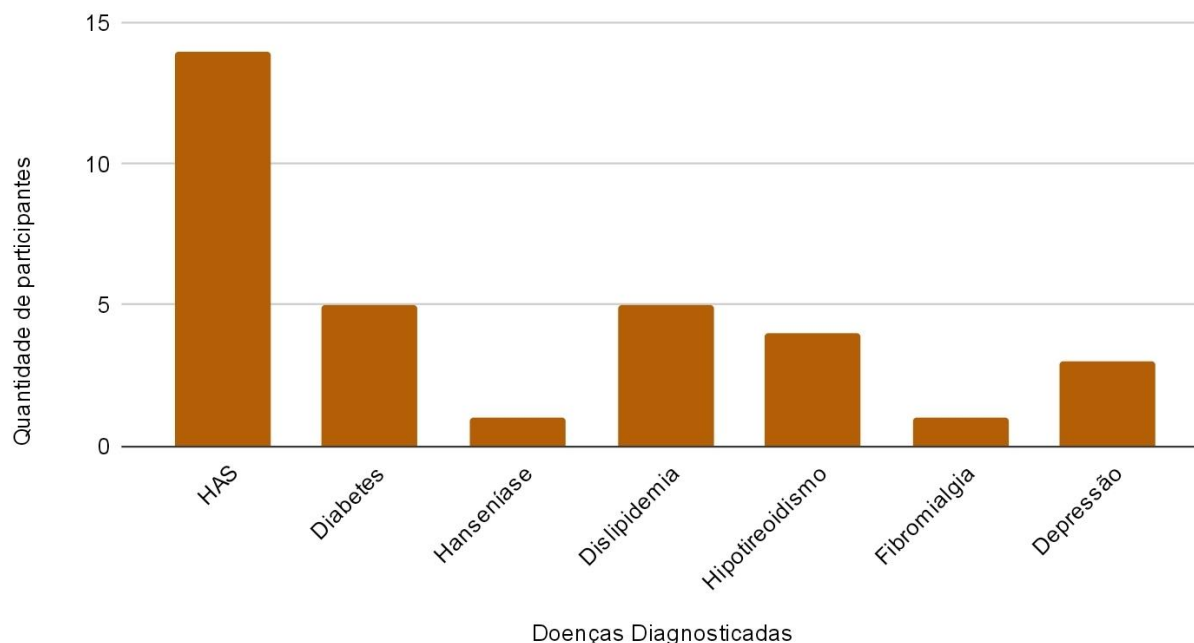


Figura 3. Doenças diagnosticadas dos participantes usuários da Unidades de Saúde da Família (USF).

Os resultados demonstraram que 87,5% dos participantes utilizam plantas medicinais como forma complementar de tratamento ou para tratar sintomas como: cefaleia, síndrome gripal, entre outros citados no quadro 1. Após a tabulação dos resultados, constatou-se que 100% dos participantes tinham adquirido o conhecimento de plantas medicinais de forma tradicional, ou seja, transmitido de maneira geracional e empírica. Ao todo, foram citadas 37 espécies de plantas medicinais pelas participantes.

A seguir, apresenta-se as plantas citadas, na qual são comparados os dados de uso popular com as informações científicas retiradas da Coleção Botânica de Plantas Medicinais da Fiocruz e da plataforma Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), (Quadro 1).

Quadro 1. Plantas medicinais suas indicações em comparação com as evidências científicas citadas pelos usuários da Unidades de Saúde da Família (USF).

Nome popular	Nome científico	Indicação popular	Evidência científica
Abacaxi	<i>Ananas comosus</i>	Retenção de líquido, digestão	Ação anti-inflamatória

Alecrim	<i>Salvia rosmarinus</i>	Gripe, calmante	Ação expectorante
Alfavaca	<i>Ocimum gratissimum</i>	Gripe, dor, mal-estar	Ação digestiva e anti-inflamatória
Alho branco	<i>Allium sativum</i>	Gripe	Ação antibacteriana e antioxidante
Amora	<i>Morus nigra</i>	Mal-estar geral	Ação anti-inflamatória, antioxidante e antibacteriana
Banana	<i>Musa sp.</i>	Ansiedade	Ação digestiva e antioxidante
Boldo	<i>Peumus boldus</i>	Estômago, fígado, mal-estar	Ação antioxidante e anti-inflamatória
Camomila	<i>Matricaria chamomilla</i>	Calmante	Ação ansiolítica, digestiva, antiespasmódica
Canela	<i>Cinnamomum verum</i>	Aumentar pressão	Ação termogênica, antioxidante e anti-inflamatória
Capim-santo	<i>Cymbopogon citratus</i>	Mal-estar geral, pressão alta	Ação ansiolítica, anti-inflamatória e digestiva
Cravo	<i>Syzygium aromaticum</i>	Cefaleia, cólica menstrual	Ação antibacteriana, digestiva, anti-inflamatória
Erva-cidreira	<i>Melissa officinalis</i>	Mal-estar, cefaleia, pressão alta	Ação ansiolítica e digestivas
Erva-doce	<i>Pimpinella anisum</i>	Calmante, digestivo	Ação expectorante, digestiva, laxativa e ansiolítica
Erva-santa	<i>Aloysia gratissima</i>	Mal-estar geral	Ação digestiva e ansiolítica
Eucalipto	<i>Eucalyptus globulus</i>	Gripe	Ação antisséptica e expectorante
Fedegoso	<i>Senna occidentalis</i>	Gripe	Ação antifúngica, expectorante, diurética
Gengibre	<i>Zingiber officinale</i>	Gripe, emagrecer, náuseas	Ação antiemética, digestiva, analgésica e anti-inflamatória
Gervão	<i>Stachytarpheta cayennensis</i>	Infecção, dor	Ação digestiva, vermífuga e anti-inflamatória
Hibisco	<i>Hibiscus sabdariffa</i>	Pressão alta	Ação digestiva, diurética e antioxidante

Hortelã	<i>Mentha sp.</i>	Gripe, mal-estar, calmante	Ação antiespasmódica e expectorante
Limão	<i>Citrus limon</i>	Gripe	Ação diurética, antioxidante
Losna	<i>Artemisia absinthium</i>	Estômago	Ação digestiva, vermífuga
Louro	<i>Laurus nobilis</i>	Digestão	Ação digestiva, anti-inflamatória
Malva-do-reino	<i>Malva sylvestris</i>	Gripe, tosse	Ação digestiva, vermífuga
Mamão	<i>Carica papaya</i>	Digestão	Ação anti-inflamatória, digestiva e antiparasitária
Manjerição	<i>Ocimum basilicum</i>	Dor, calmante	Ação antisséptica, ansiolítica e descongestionante
Manjerona	<i>Origanum majorana</i>	Mal-estar geral	Ação digestiva, expectorante e anti espasmódica
Maracujá	<i>Passiflora edulis</i>	Pressão alta, calmante	Ação antioxidante, ansiolítica e sedativa
Mastruz	<i>Dysphania ambrosioides</i>	Gripe, machucados	Ação vermífuga e expectorante
Melão-de-São-Caetano	<i>Momordica charantia</i>	Controle glicêmico	Ação anti-inflamatória, antioxidante e hipoglicemiante
Mulatinha	<i>Justicia pectoralis</i>	Machucados	Ação anti-inflamatória, analgésica
Niaré	<i>Anadenanthera peregrina</i>	Infecção urinária	Ação anti-inflamatória, antimicrobiana e cicatrizante
Oliveira	<i>Olea europaea</i>	Cefaleia, pressão alta	Ação antioxidante, anti-inflamatórias e antimicrobiana
Ora-pro-nóbis	<i>Pereskia aculeata</i>	Mal-estar geral	Ação digestiva, cicatrizante, anti-inflamatória e rica em proteína
Poejo	<i>Mentha pulegium</i>	Dor abdominal	Ação digestiva, expectorante
Sete-dor	<i>Plectranthus barbatus</i>	Dor no estômago	Ação digestiva, carminativa

Sucupira	<i>Pterodon emarginatus</i>	Mal-estar geral	Ação analgésica, anti-inflamatória e cicatrizante
----------	-----------------------------	-----------------	---

4. DISCUSSÃO

Os resultados deste estudo evidenciam que o uso de plantas medicinais permanece fortemente enraizado na comunidade investigada, configurando-se como uma prática terapêutica complementar amplamente utilizada no cotidiano das participantes. Observou-se que a totalidade do conhecimento relatado pelas participantes tem origem tradicional, sendo transmitido de forma empírica e intergeracional, o que reforça o papel histórico e cultural da fitoterapia nas comunidades brasileiras (GOMES et al, 2024).

A comparação entre as indicações populares e as evidências científicas demonstrou, em grande parte dos casos, consonância entre o uso empírico e as propriedades farmacológicas descritas na literatura. Espécies como camomila, erva-cidreira, maracujá, gengibre, boldo e hortelã, por exemplo, apresentaram correspondência clara entre as indicações populares (efeitos calmantes, digestivos e anti-inflamatórios) e as ações biológicas reconhecidas cientificamente. Esse achado reforça a relevância do conhecimento tradicional como ponto de partida para investigações científicas e validações farmacológicas (GRAZIELA et al, 2021).

Entretanto, foi demonstrado que 24,32% das espécies citadas possuem indicação imprecisa, e também que há uso inadequado quanto à indicação de 10,81% das plantas mencionadas no questionário. Esse aspecto evidencia um dos principais desafios relacionados à fitoterapia no contexto comunitário: a ausência de orientação técnica adequada. O uso indiscriminado ou incorreto de plantas medicinais pode acarretar riscos à saúde, como toxicidade, interações medicamentosas e efeitos adversos, especialmente entre populações idosas e portadoras de doenças crônicas. No Brasil, estima-se que cerca de 75% dos idosos apresentam pelo menos uma doença crônica não transmissível (DCNT), como diabetes e hipertensão, conforme dados do Ministério da Saúde (2021). Esse cenário torna-se ainda mais relevante quando considerado o perfil das participantes do presente estudo, no qual também se observou a presença dessas condições de saúde (VIEIRA et al., 2022).

Nesse sentido, torna-se fundamental destacar a necessidade de ampliar o conhecimento correto sobre fitoterápicos e plantas medicinais, tanto por parte da população

quanto dos profissionais de saúde. Embora o Brasil possua políticas públicas consolidadas, como a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) e a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF), a efetiva implementação dessas diretrizes na rotina das Unidades Básicas de Saúde ainda se mostra limitada. Os dados deste estudo demonstram que, apesar da alta utilização das plantas medicinais, o acompanhamento profissional e a orientação baseada em evidências científicas ainda são incipientes (COSTA et al, 2021).

A integração entre os conhecimentos tradicionais e a medicina moderna revela-se, portanto, uma estratégia essencial para promover o uso racional, seguro e eficaz da fitoterapia. Reconhecer o valor cultural e terapêutico dos saberes populares não significa substituí-los pela ciência, mas sim estabelecer um diálogo respeitoso e complementar. A etnobotânica desempenha papel central nesse processo, ao possibilitar o registro sistemático dessas práticas e subsidiar estudos científicos que validem, aprimorem ou contra indiquem determinados usos (FERREIRA et al, 2022).

Além disso, os achados do projeto permitem afirmar que a comunidade brasileira, especialmente no contexto da Atenção Primária à Saúde, ainda recorre amplamente às plantas medicinais como complemento terapêutico. Essa realidade reforça a necessidade de incorporar esse conhecimento de forma estruturada nas Unidades Básicas de Saúde, por meio de ações educativas, capacitação contínua das equipes multiprofissionais e inclusão da fitoterapia nos protocolos de cuidado. Tal abordagem pode contribuir para o fortalecimento do cuidado integral, para a valorização da cultura local e para a ampliação do acesso a práticas terapêuticas seguras e de baixo custo (SILVA, 2024).

No perfil de saúde das participantes, a predominância de doenças crônicas não transmissíveis, com destaque para diabetes mellitus, hipertensão arterial sistêmica e dislipidemias, além de condições relacionadas à saúde mental, como a depressão. A elevada frequência dessas enfermidades reforça a complexidade do cuidado em saúde nesse grupo populacional e ajuda a compreender o uso recorrente de plantas medicinais como estratégia complementar ao tratamento convencional. Nesse contexto, a fitoterapia surge como recurso utilizado para o alívio de sintomas, promoção do bem-estar e apoio ao manejo dessas condições crônicas, evidenciando a necessidade de orientação profissional adequada para garantir segurança, evitar interações medicamentosas e potencializar benefícios terapêuticos no âmbito da atenção primária (ALVES et al, 2022).

Os resultados deste estudo evidenciam que a fitoterapia não deve ser compreendida apenas como uma prática alternativa, mas também como um componente relevante no contexto da saúde pública, sobretudo em comunidades onde o conhecimento tradicional permanece presente e ativo. Nesse sentido, a articulação entre ciência, cultura e políticas públicas torna-se fundamental para promover o uso seguro e racional das plantas medicinais, favorecendo sua integração às práticas de cuidado em saúde.

Entretanto, este estudo apresenta algumas limitações que devem ser consideradas na interpretação dos resultados. As informações obtidas basearam-se em relatos das participantes, o que pode estar sujeito a vieses de memória, percepção ou interpretação. Além disso, o número de participantes e a delimitação geográfica da pesquisa podem limitar a generalização dos achados para outras populações ou contextos regionais.

Apesar dessas limitações, os dados obtidos contribuem para ampliar a compreensão acerca do uso tradicional de plantas medicinais, destacando a relevância do conhecimento popular e reforçando a necessidade de novas investigações em diferentes contextos socioculturais e regionais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o uso de plantas medicinais permanece presente e significativo na comunidade estudada, sendo empregado como prática complementar no cuidado à saúde, especialmente no contexto da Atenção Primária. Os resultados indicam que essa prática está fortemente associada aos conhecimentos tradicionais, transmitidos entre gerações, o que evidencia a relevância cultural e social da fitoterapia no cotidiano da população.

A análise das indicações populares das plantas mencionadas, em comparação com a literatura científica, demonstrou que, embora exista concordância em alguns casos, ainda são observadas divergências relacionadas às indicações terapêuticas, às formas de preparo e ao uso adequado dessas espécies. Esses aspectos evidenciam a necessidade de fortalecer ações de orientação e educação em saúde voltadas ao uso seguro e racional das plantas medicinais.

Nesse contexto, destaca-se a importância da atuação dos profissionais da Atenção Básica na promoção de informações confiáveis e acessíveis à população, contribuindo para que o uso das plantas medicinais ocorra de maneira mais segura e consciente. Além disso, a valorização dos saberes tradicionais associada ao conhecimento científico pode favorecer

a integração dessas práticas no âmbito do cuidado em saúde, contribuindo para uma abordagem mais integral e culturalmente sensível.

Como perspectivas futuras, sugere-se a realização de estudos que ampliem a investigação sobre as espécies vegetais mais utilizadas pela população, bem como pesquisas voltadas à avaliação de sua eficácia, segurança e formas adequadas de preparo. Além disso, investigações que explorem estratégias de integração da fitoterapia na Atenção Primária à Saúde podem contribuir para fortalecer a utilização dessas práticas no contexto do sistema público de saúde.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao apoio financeiro recebido pela Universidade de Gurupi - UnirG, por meio do acordo de cooperação técnica em conformidade com o chamamento público da Fundação de Amparo à Pesquisa do Tocantins - FAPT e Governo do Estado do Tocantins para participação no programa institucional de bolsas de iniciação científica (PIBIC).

REFERÊNCIAS

- ALVES, M. B. N. et al. Uso empírico de plantas medicinais no tratamento de doenças. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 8, n. 4, abr. 2022, p. 31491–31503.
- BARRETO, A. C.; OLIVEIRA, V. J. dos S. de. Conhecimento de profissionais de saúde sobre as plantas medicinais e os fitoterápicos na atenção básica no município do Recôncavo da Bahia. **Revista Fitos**, Rio de Janeiro, maio. 2022.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/sectics/plantas-medicinais-e-fitoterapicos>
- CABOCLO, E. K. D. et al. Fitoterápicos e plantas medicinais na prática dos profissionais de saúde em unidades da Estratégia Saúde da Família. **Revista de Ciências Médicas e Biológicas**, Salvador, v. 21, n. 2, 2022, p. 211–217.
- COSTA, M. B.; PASSERO, L. G. Percepção de profissionais da atenção básica sobre plantas medicinais e fitoterápicos: uma revisão de literatura. In: **Anais do II Congresso Nacional Multidisciplinar em Enfermagem On-line**. [S.l.]: [s.n.], 2021.
- CZERMAINSKI, S. B. C.; DRESCH, R. R.; SPERRY, Â. Conceitos e referências em plantas medicinais: contribuição à implantação da fitoterapia no SUS. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 4, n. 5, out. 2021, p. 21552–21568.

DE ALMEIDA, Adriana Maria Pereira; RAMALHO, Talles Antônio Santos; DE CASTRO, Leandro Almeida. Fitoterapia: o uso de plantas medicinais e fitoterápicos no cuidado à saúde. **Revista Saúde dos Vales**, [S.l.], v. 1, n. 1, 2022.

FERREIRA, E. E.; CARVALHO, E. dos S.; SANT'ANNA, C. de C. A importância do uso de fitoterápicos como prática alternativa ou complementar na atenção básica: revisão da literatura. **Research, Society and Development**, [S.l.], v. 11, n. 1, jan. 2022, p. e44611124643.

GOMES, Silvia Cristina; FERNANDES, Josefa Maria; TRENTTO, Rafael; GOMES, Beatriz; TRENTTO, Sophia. Etnoconhecimento e uso de plantas medicinais: Uma revisão bibliográfica e seus norteadores legais para a prática da saúde no Brasil. **Revista Eletrônica Competências Digitais para Agricultura Familiar**, Tupã, São Paulo, Brasil, v. 10, n. 2, p. 1002179, 2024.

GRAZIELA, A.; CYNTHIA, L.; LAURINDO, F. Fitomedicamentos utilizados na medicina popular e suas potencialidades pouco exploradas. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 16, p. e189101623017-e189101623017, 11 dez. 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Plano de Ações Estratégicas para o Enfrentamento das Doenças Crônicas Não Transmissíveis no Brasil 2021- 2030. Brasília: **Ministério da Saúde**, 2021.

PATRÍCIO, Karina Pavão et al. O uso de plantas medicinais na atenção primária à saúde: revisão integrativa. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 27, 2022, p. 677–686.

ROCHA, L. P. B. da et al. Uso de plantas medicinais: histórico e relevância. **Research, Society and Development**, [S.l.], v. 10, n. 10, ago. 2021, p. e44101018282.

SANTOS, José Cleilson de Paiva dos Santos et al. Plantas medicinais e fitoterapia: saúde, sustentabilidade e biodiversidade. In: **Abordagens Interdisciplinares sobre Plantas Medicinais e Fitoterapia**. São Paulo: Editora Científica Digital, 2022. p. 10–25.

SANTOS, S. et al. Uso de plantas medicinais por usuários na atenção primária à saúde: uma abordagem complementar ao tratamento convencional. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, [S.l.], v. 7, n. 14, maio 2024, p. e141132.

SILVA. O uso de plantas medicinais e fitoterápicos na atenção primária: uma revisão integrativa de literatura. São Luís: Universidade Estadual do Maranhão, 2024. Disponível em: <https://www.uema.br>.

VIEIRA, M. R. et al. Uso indiscriminado de plantas medicinais: principais causas e consequências. **Revista do Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium**, Araçatuba, v. 11, n. 19, 2022.